

Paradoxos da modernidade: cultura e conduta na teoria de Max Weber, de Wolfgang Schluchter (Editora Unesp, 2011, 384 p.
Traduzido do inglês por Roberto Leal Ferreira)

Josué Pereira da Silva*

Wolfgang Schluchter, um dos principais estudiosos da obra de Max Weber na atualidade, brinda-nos neste livro com uma refinada análise de diversos aspectos da obra de Weber, a partir do tema-chave que lhe dá título: paradoxos da modernidade. O livro é formado por duas partes, com dois capítulos cada. A primeira é dedicada ao perfil político-filosófico de Weber ou núcleo normativo de sua teoria; a segunda trata de seu perfil histórico-sociológico, que seria o núcleo empírico. Assim, os quatro capítulos tratam, nesta ordem, das conhecidas duas vocações (ciência e política), da ética, do islamismo e do cristianismo ocidental. Além dos capítulos, há ainda uma pequena introdução, na qual o autor fala da estrutura do livro, e um epílogo panorâmico, onde ele analisa a estrutura da teoria de Weber a partir da sistematização conceitual deixada por aquele autor clássico no capítulo inicial de seu livro *Economia e Sociedade*.

É bom deixar claro que Schluchter não se limita a oferecer uma análise detalhada de como os temas anunciados nos quatro capítulos aparecem na obra de Weber, a situá-los tanto em relação ao contexto histórico da produção weberiana quanto em termos de suas relações com as tradições filosófica e sociológica, e mesmo a dialogar criticamente com outros estudiosos da sociologia

* Livre docente em Sociologia. Professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. Email: josueps@unicamp.br

weberiana. Não, ele procura ir além de tudo isto, já que seu objetivo, como deixa claro no prefácio que escreveu para a edição brasileira, é desenvolver, a partir do legado sociológico de Weber, um programa de pesquisa próprio que seja, ao mesmo tempo, capaz de superar as lacunas da sociologia deste último e, também, de oferecer uma teoria sociológica apropriada para se lidar com os problemas do presente. No entanto, este último objetivo é apresentado por ele apenas de forma sintética no epílogo, deixando-o anunciado como tarefa a ser desenvolvida em um livro seguinte.

A seguir falarei brevemente de cada um dos quatro capítulos, sem qualquer pretensão de resumi-los. No capítulo 1, intitulado “Atividade e renúncia. Max Weber acerca da ciência e da política como vocações”, ele analisa as duas conferências no que se refere ao conteúdo temático de cada uma, mas também fala das controvérsias a respeito das datas em que foram produzidas por Weber, assim como da distância temporal – cerca de um ano – que as separa. Atividade e renúncia, associadas respectivamente à política e à ciência, são importantes para assinalar a posição de Weber em relação às necessárias virtudes que ele esperava do político e do cientista, em contraposição às posturas do “político” do “poder pelo poder”, que utilizava a política como meio para obter vantagens, e do “cientista” que usava a cátedra para fazer proselitismo.

Há uma conexão clara entre a discussão a respeito das duas vocações tratadas no primeiro capítulo com o tema das éticas, que é objeto do capítulo segundo. Neste último, intitulado “Convicção e responsabilidade. Max Weber acerca da ética”, Schluchter discute a controvertida distinção entre ética da convicção e ética da responsabilidade, mostrando a sua trajetória no que ele denomina as três fases da obra de Weber; além disto, ele especifica as subdivisões – positiva e negativa, por exemplo – de cada uma das éticas, e, principalmente, analisa as duas em termos de suas orientações para valores ou para o sucesso. É bastante ilustrativa, a esse respeito, a figura 2.1, na p. 144 do livro, na qual ele reconstrói a tipologia das éticas. Ali, podemos ver como ele aprofunda a compreensão das éticas, tornando cada vez mais específicas as contraposições entre

os tipos: éticas versus doutrinas prudenciais, éticas de princípios versus éticas de normas, éticas de princípio reflexivo versus éticas de princípios dogmáticos, éticas criticistas de princípio reflexivo versus éticas cognitivistas de princípio reflexivo; sem deixar, além disso, de realçar em cada uma delas, quando é o caso, os subtipos de convicção e de responsabilidade. Com isso, ele mostra como é preciso ir além da simples contraposição entre ética da convicção e ética da responsabilidade.

O capítulo 3, intitulado “Obstáculos à modernidade”, é dedicado à análise de Weber sobre o islamismo. Aqui, além da minuciosa reconstrução dos escritos, sabidamente inacabados, de Weber a respeito do islamismo e da interlocução crítica que Schluchter estabelece com outros intérpretes dos escritos de Weber sobre o tema, merece especial atenção sua reconstrução comparativa dos estudos de Weber sobre as religiões; deve-se ressaltar, em especial, o contraponto entre o islamismo primitivo, o judaísmo primitivo, o cristianismo primitivo – este último também reconstruído a partir de textos incompletos deixados por Weber – e o calvinismo; trata-se de uma chave importante para se entender a teoria de Weber sobre a modernidade, pois é dessa comparação que emerge o que Weber considerava peculiar na história do Ocidente. A propósito, uma longa (três páginas) e elaborada tabela que compara as quatro religiões, em seus diversos aspectos (ideias religiosas, estruturação dos interesses religiosos, organização religiosa, estratos portadores e resultados), é bastante esclarecedora e útil para situar o leitor no emaranhado e complexo mundo da sociologia weberiana das religiões. A mencionada tabela, encontrada nas páginas 224 a 226 do livro, realça tanto as diferenças, quanto as semelhanças entre as quatro mencionadas religiões; ao mesmo tempo, abre caminho para o tema desenvolvido no capítulo 4, que trata do “surgimento da modernidade”, e que tem por base a análise de Weber “acerca do cristianismo ocidental”.

É, pois, para o capítulo 4 que toda a reconstrução anterior conflui para chegar à tese da especificidade do desenvolvimento ocidental. Da mesma forma que nos capítulos anteriores, Schluchter empreende aqui uma criteriosa reconstrução da análise de

Weber, ao mesmo tempo em que dialoga criticamente com outros estudiosos e intérpretes de sua obra. Antes, porém, ele faz uma digressão sobre o método de Weber, na qual chama atenção para a distinção entre o “*espírito do capitalismo*” e “o capitalismo como *sistema econômico*”, ou seja, entre condições subjetivas e objetivas ou entre espírito e forma. Aqui vale recorrer a uma citação:

O capitalismo significa certo espírito e certa forma. Se o entendemos em termos relativo-gerais, são formados tipos ideais de caráter geral – conceitos de classe idealtípicos – que “destilam aquilo que é permanentemente o mesmo, com pureza conceitual” a partir do capitalismo. Se o entendermos em termos relativo-específicos, são formados tipos ideais de caráter individual, que ressaltam os traços característicos “de uma determinada época em contraste com outras épocas”, pelos quais “também se pressupõem aquilo que existe geralmente [...] como dado e conhecido” (p. 253-4).

Assim, Schluchter realça a preocupação de Weber com a natureza das ligações entre as mentalidades e os arranjos institucionais, como chave para explicar “o desenvolvimento singular do Ocidente”.

Daí, ele dirige a análise para o que denomina as “três grandes transformações” constitutivas da trajetória do Ocidente: as revoluções papal, feudal e urbana; o fundamento religioso da conduta burguesa; e o que chama de “nova casa da servidão”¹, isto é, aquela objetivação que faz com que, em lugar do homem, o ganho, o negócio, passe a ocupar o centro do palco. Com base na análise dessas três transformações, ele chega a uma definição do “capitalismo ocidental especificamente moderno”, a qual envolve três complexos de qualidades: a moderna empresa capitalista, a moderna ordem econômica capitalista e o espírito do capitalismo

¹ “Casa da servidão” é uma referência ao “nome dado na Bíblia ao Egito” (p.321, nota de rodapé 162).

moderno. E, assim, ele afirma que no modelo explicativo de Weber, espírito e forma, que não são antagônicos, entram em afinidade eletiva, favorecendo-se mutuamente e “permitindo um desenvolvimento desimpedido de quaisquer restrições espirituais” (p. 262). Por fim, podemos ver na figura 4.1, à página 324 do livro, denominada “aparelho conceitual básico de Weber”, um modelo sintético, que, tendo o ator como seu centro, articula ação e estrutura, como segue: do lado da estrutura, espírito e forma desdobram-se em constelações culturais, institucionais e de interesse (material ou ideal), que se encontram, no lado da ação, com as dimensões cultural-motivacional (interior), institucional-motivacional (exterior) e os modos de orientação – instrumental-racional, afetivo, ou axiológico-racional – para a estilização e a conduta da vida.

Schluchter conclui seu livro com um epílogo curto, porém denso, no qual dá atenção especial ao texto de Weber “Termos sociológicos fundamentais”, que conhecemos como capítulo primeiro de *Economia e Sociedade*. Aqui, Schluchter esmiúça o emaranhado conceitual weberiano e reorganiza-o, para mostrar de forma sintética toda a complexidade da teoria de Weber. Tudo isso, ele dispõe em três figuras, cada uma delas voltada para elucidar um aspecto da teoria. Na primeira delas, denominada “tipologia da orientação para a ação” (figura E.1, à p.328), podemos ver claramente como a metodologia (explicação observacional, explicação interpretativa e reconstrução) articula-se com teoria da ação, cuja arquitetura de conceitos é apresentada na segunda figura como “arquitetura dos termos sociológicos fundamentais” (figura E. 2, à p.329). Esta última mostra a disposição das dimensões instrumentais e normativas em relação aos conceitos de ação e ação social, relação social, ordem social e organização. A terceira figura, “tipologia da coordenação da ação” (E. 3, à p. 330), mostra sobretudo a sintonia entre o parágrafo 2 do texto de Weber, que trata de ação e ação social (i.e., relacionamento unilateral e significado subjetivo), e o parágrafo 4, que trata de regularidades no decurso da ação, ações sociais e relacionamentos sociais. A sintonia diz respeito à disposição dos respectivos desdobramentos: enquanto o parágrafo

2 se desdobra em ações de tipo tradicional, afetivo, instrumental-racional e axiológico-racional, o parágrafo 4 quase replica a mesma disposição com os termos uso, costumes, interesses e crença na validade.

Para concluir, duas observações. A primeira é que se trata de um livro denso e sofisticado; sua leitura é muito proveitosa, sobretudo para o leitor que já tem alguma familiaridade com a sociologia de Weber. Lendo-o, eu aprendi muito. A segunda refere-se ao programa de pesquisa de uma sociologia compreensiva, anunciado pelo autor no prefácio e apresentado sinteticamente no epílogo. Um programa de pesquisa que parte da sociologia de Weber, mas não se limita a torná-la mais acessível ao leitor; mais que isso, trata-se de uma reconstrução que, partindo de Weber, ambiciona ir além dele, apresentando uma teoria sociológica própria e adequada aos tempos atuais. O desdobramento disto, porém, como disse ainda no início desta resenha, é objeto de outro livro.